



PERCURSOS DE FORMAÇÃO DELICENCIANDOS EM PEDAGOGIA NO CAMPO DA EJA

Rosemary Lapa de Oliveira¹; Renata da Silva Massena² Ana Paula Silva da Conceição³

¹ Doutora em Educação, UNEB/MPEJA, Formacce Infância, rosy.lapa@gmail.com;

² Mestre em Educação de Jovens e Adultos, UNEB/MPEJA, renatamassena@hotmail.com;

³ Doutora em Educação, UNEB/MPEJA, Formacce Infância, anapp2010@gmail.com.

EIXO TEMÁTICO: 5. FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EJA

RESUMO

Este trabalho é resultado de pesquisa realizada no âmbito do Mestrado Profissional de Educação de Jovens e Adultos – MPEJA/UNEB, a qual buscou compreender a formação dos discentes do curso de Pedagogia numa Universidade Pública para a atuação na Educação de Jovens e Adultos. Assim, consideramos como questão central da pesquisa: como o componente curricular “Educação de Jovens e Adultos” contribui para a formação do Licenciado em Pedagogia na referida Universidade para atuar na Educação de Jovens e Adultos? Foram observadas três turmas de quarto semestre do curso de licenciatura em Pedagogia. Os sujeitos da pesquisa foram onze discentes e duas docentes responsáveis pelo componente curricular Educação de Jovens e Adultos foco da discussão nesta pesquisa. O procedimento metodológico utilizado baseou-se nas observações, nas entrevistas com os sujeitos e no diário de campo da pesquisadora. A interpretação das informações, a partir dos procedimentos metodológicos ocorreu através da análise interpretativo-compreensiva. Apreendemos que a EJA na Universidade Pública precisa ser discutida de forma mais contundente, colaborativa e formativa. A implicação com este objeto é fundamental para a Universidade, especificamente no Departamento de Educação, pois é o espaço que forma o pedagogo para atuar na modalidade.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Currículo; Formação de Professor; Licenciatura

INTRODUÇÃO

É, de fato, a educação, como processo histórico, um espaço de reprodução de desigualdades. Mas, também, um espaço de busca da emancipação construída pelos sujeitos. Em se tratando da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a atual conjuntura socioeconômica exclui duplamente os sujeitos de classe social de baixa renda na manutenção de um jogo de poder velado na educação brasileira. Cabe ressaltar que refletir sobre essas questões implica na necessidade de uma nova perspectiva para a EJA. Nesse caso, pensar uma política de formação de professores pautada em uma consciência crítica e emancipadora como proposto por Freire (1987) a fim de se debruçar e pensar sobre a problemática da EJA no contexto atual, privilegiando transformações sociais dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos.



Os atores sociais que colaboraram com a pesquisa eram estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia de uma universidade pública no Estado da Bahia e duas professoras desse departamento. A nossa questão norteadora buscou entender como o componente curricular Educação de Jovem e Adulto contribui para o processo formativo do Licenciado em Pedagogia para atuar na Educação de Jovens e Adultos.

Assim, esta pesquisa teve como objetivo compreender o processo formativo do licenciando, licencianda em Pedagogia para atuar na Educação de Jovens e Adultos com observância ao componente curricular: Educação de Jovens e Adultos nesse contexto formativo do licenciado, como um acontecimento encarnado, implicado, socialmente relevante (MACEDO, 2010, p.30).

Considerando que o curso de Pedagogia do campo de pesquisa, no que diz respeito à EJA, tem no currículo do curso apenas um componente conceitual que trata das especificidades, conceito e o campo da EJA, foi gerada uma discussão sobre a formação do licenciado para esse segmento. Sendo assim, alguns objetivos específicos surgiram no sentido de fomentar discussões para a pesquisa: refletir sobre o conceito de formação e da EJA entre os sujeitos da pesquisa; investigar se as Histórias de Vida podem se constituir como elementos de formação para os discentes no Curso de Licenciatura em Pedagogia que atuarão na EJA, compreendendo que os “processos de autorização e autonomização estão à condição da autoria e da autonomia na experiência formativa” (MACEDO, 2010, p.186).

Nessa esteira de pensamento, elegemos a abordagem metodológica de base qualitativa, na escolha do método das Histórias de Vida. Temos aqui uma história social entrelaçada a outras histórias sociais que se cruzam no decorrer da vida e da formação (SOUZA, 2011, p. 213). A prática da escrita de si é aqui apresentada como uma nova epistemologia da formação (NÓVOA, 2010).

Pensar a formação inicial do curso de Licenciatura em Pedagogia é o que nos move no sentido de compreender a importância da formação inicial para as trajetórias de formação do professor. “A estrutura da formação inicial deve possibilitar uma análise global das situações educativas” (IMBERNÓN, 2004, p.61). A partir disso, estudamos os conceitos, a estrutura política, as ações governamentais para a EJA, a legislação definida.

Munidas dessa informação, adentramos no cotidiano das turmas de Licenciatura em Pedagogia no período de 2014.1 e 2014.2, em que o componente curricular de EJA estava em



pauta, buscando compreender os desafios da formação para atuar na EJA através do desenvolvimento desse componente curricular.

O aporte filosófico deste trabalho encontrou amparo e referências sobre as concepções da pesquisa com Histórias de Vida como método em Nóvoa (2013), Souza (2011), Souza (2006). Nos saberes da Experiência, caminhamos com Nóvoa (2013). Nas concepções de Formação, temos o aparato de Josso (2004) Macedo (2010), Nóvoa (2013), Ferrarotti (2013). Sobre as Políticas de formação na EJA, Oliveira (2011), Freire (1987). Sobre o percurso metodológico, temos André (1995) e Macedo (2006). As bases legais e diretrizes para esse segmento também foram usados como dados de pesquisa e argumentos legais.

Nas salas de aula da EJA, temos um diverso de pessoas com suas idiossincrasias e, desse modo, as políticas de formação, além de se pautarem na Legislação Educacional Brasileira em relação à EJA, dentre elas a LDB nº 9394/1996 que apresenta a EJA como modalidade da educação básica, no artigo 4º dispõe e esclarece sobre “a necessidade da oferta de ensino regular par aos jovens, adultos, considerando suas necessidades e disponibilidades, para garantir sua permanência na escola”.

A garantia dessa permanência passa pela valorização do ser humano através do sentido e significados que eles dão as suas trajetórias de vida. Se o processo de formação como aponta MACEDO (2010) é o fundante da educação temos então um compromisso de lei que subsidia o direito a esses sujeitos no retorno a escola, assim como um compromisso social e emancipatório, dando a possibilidade de empoderamento e autonomia no seu percurso de retorno à escola.

Numa situação oposta, não é possível avançar no campo da EJA, pois os sujeitos que estão inseridos nesse contexto têm suas especificidades de vida e experiência muito marcadas na sua subjetividade e a escola, na organização de uma política de formação para este campo, não pode se esquivar de considerar tais orientações.

A visão de mundo de uma pessoa que retorna aos estudos depois de adulta, após um tempo afastado da escola, ou mesmo, daquele que inicia sua trajetória escolar nessa fase da vida, é bastante peculiar. Protagonistas de histórias reais e ricos em experiências de vividas, os alunos jovens e adultos configuram tipos humanos diversos. São homens e mulheres que chegam à escola com crenças e valores já constituídos. (BRASIL, 2006, p.4)

A LDBEN 9394/96 (BRASIL, 1996), respectivamente nos artigos 37 e 38, ressalta a formação docente e orienta que a formação para o trabalho com a EJA seja de modo a respeitadas suas especificidades, colocando a baila a importância do diálogo como exercício



de tal orientação. Diante dessa realidade, podemos avançar no sentido de superar a realidade da EJA. Assim, pensar uma política de formação para a EJA, no cenário educativo atual, é desvelar os modos de fazer a práxis docente, que vem escamoteando o que de fato a legislação vigente indica para ser realizado na modalidade.

A responsabilidade de atuar no campo da EJA requer sensibilidade ao processo histórico de exclusão vivido por esses sujeitos e a negação de direitos que é uma constante na nossa educação brasileira. De acordo com Dantas (2012, p. 152), “um lugar de confronto, de embate, de relações de forças e de luta pela autonomia e pelo reconhecimento desta modalidade”.

Desse modo, compreender as especificidades dos alunos e alunas da EJA requer uma dedicação implicada, visando superar as amarras de uma sociedade excludente que oprime o sujeito que busca retomar a sua educação, pois são homens e mulheres, jovens, adultos e idosos que têm seu direito de retorno à escola garantida em lei e têm direito a educadores que tenham disposição para o enfrentamento politizado nesse campo da educação.

É, de fato, pensar uma política de formação humana para os pedagogos que atuam e desejam atuar na modalidade em questão, pois cabe aos profissionais se perceberem ou não responsáveis por uma causa e fazer disso seu movimento de luta, agindo através da práxis docente com vistas a uma humanização no contexto da escola, fazendo desse um espaço receptivo aos sujeitos da EJA e que esse encontro de histórias de vida seja pano de fundo, contextualizando e ressignificando a aprendizagem de indivíduos que ali circulam, assim como, um espaço de formar e formar-se do pedagogo atuante na modalidade.

METODOLOGIA

Para iniciarmos um debate sobre formação docente, é necessário evidenciar o que compreendemos sobre formação. E sugerimos o conceito de uma trilha que vai se configurando e se contextualizando com a trajetória de vida e que se constitui como experiência de vida e profissão “o objetivo de compreendê-la como um fenômeno que se configura numa *experiência* profunda e ampliada *Ser humano*” Macedo (2010, p. 21)

Mediante o conceito acima citado, apresentamos Josso (2004), que define formação como “busca da arte de viver em ligação e partilha”. Nessa perspectiva de formação está pautado o desenvolvimento desta pesquisa, na dialética de formar e formar-se, com o objetivo de desvelar a importância do imbricamento entre práxis e humanização nos processos



formativos e que sejam, portanto, significativos e valorados pelos atores envolvidos no contexto em discussão que é a Universidade Pública.

Nessa perspectiva, apresentamos um caminho de pesquisa que desvenda a subjetividade e suas formas particulares, singulares de sujeitos de sua própria prática; levando consigo as suas experiências de vida (JOSSO, 2004), assim como as suas experiências de formação. Pois, segundo Nóvoa (2010), estendendo a reflexão para o que aponta Souza (2006), “a narrativa é tanto um fenômeno quanto uma abordagem de investigação-formação, porque parte das experiências e dos fenômenos humanos advindos das mesmas”. Ressaltando a importância de guardar e compartilhar com vista à formação individual e do grupo onde estão imersos.

Nesses termos, compreender a formação, tomando nosso específico contexto de intenção e de expectativa, implica na construção de explicitações e perspectivas propositivas (MACEDO, 2006, p.23). O processo de formação consiste em uma responsabilidade muito grande, pois além de eleger um conhecimento dado como formativo, temos que saber como de fato essa intervenção vai ressignificar a prática docente. Por esse caminho, nos pautamos, também, em Souza,

Garantir o respeito às narrativas, aos percursos de vida-formação e possíveis superações de formas de controle sobre o biógrafo e o biografado ou entre a escrita (auto) biográfica e as disposições de formação são férteis para explicitar contextos, conjunturas sociais, marcas individuais dos homens e mulheres em suas manifestações sobre a vida (SOUZA, 2014, p. 40).

Na arte de reescrever a formação no processo de dizer-se, não se esgotam o conjunto das experiências que evocamos a propósito da nossa vida, complementa Josso (2004). Assim, encontramos inicialmente pessoas impregnadas de si no outro ou vice-versa. Dessa forma, contar de si imbrica, também, falar do outro como coadjuvante de nossa existência. Não há possibilidades de memórias de vida serem construídas individualmente, nossas memórias mais latentes, as que são impregnadas de emoção, surgem somente quando temos o outro conosco, quando a memória foi construída em um mundo real sentido e vivido social e historicamente que se materializa em escrita de formação com o uso do diário como dispositivo de formação. Ferrarotti (2013) nos diz que:

O indivíduo não é um epifenômeno social. Em relação às estruturas e à história de uma sociedade, coloca-se como um polo ativo, impõe-se como uma práxis sintética. Mais do que refletir o social, apropria-se dele, mediatiza-o, filtra-o e volta a traduzi-lo, projetando numa outra dimensão, que é a dimensão psicológica da sua subjetividade (FERRAROTTI, 2013, p.44).



A formulação da nossa pesquisa tem como método de coleta as Histórias de Vida como um caminho customizado ao modo do sujeito através das memórias na escrita do diário das pesquisadoras, corroborando para novas maneiras de ser, de estar, de registrar e de guardar suas Histórias, em paralelo com a dos seus pares. Podemos ir mais longe com Ferrarotti (2013) quando diz:

A especificidade do método biográfico implica ultrapassar do quadro lógico-formal e do modelo mecanicista que caracterizam a epistemologia científica dominante [...] Devemos procurá-los na construção de modelos heurísticos não mecanicistas e não deterministas; modelos caracterizados por uma opinião permanente de todos os elementos entre eles: modelos “antropomórficos” que só uma razão não analítica e não formal pode conhecer (FERRAROTTI, 2013, p.49-50).

Almejamos a compreensão de modos de formação. Nesta proposta das Histórias de Vida para formação e a pesquisa, despontam questionamentos, tais como: Quais buscas formativas nós sujeitos fazemos a partir das narrativas de nós mesmos na escrita do diário? E como colaboram para a atuação do Licenciado em Pedagogia atuar na vida e na profissão? Nesse debate, é possível refletir que os educadores pensam, buscam, dialogam cada vez mais de forma diferente com possibilidades de produção de conhecimento e conhecimento de si (re) significando a sua prática. Completando uma situação de busca constante de esclarecimento.

O autorizar-se a narrar a própria formação implica numa ação concreta, intencional que permite a autorreferência, bem como os hibridismos, as múltiplas referências, a valoração e a avaliação do que é considerado formativo (GUERRA, 2014, p.198).

Assim, os registros formativos ocorridos mediante anotações no diário de campo e os desvelamento desse percurso formativo alcançados foi crucial para pensar a Pedagogia sob o ponto de vista da formação em processo com, pois fomentou o intelecto no sentido de compreendê-la no contexto da universidade, como ela estava fundamentada e quais epistemologias sustentam este referido curso.

É importante pensarmos sobre como apreender e interpretar as escritas de si através do diário como dispositivo no processo de formação inicial com preocupação aos sentidos e significados que atingem o indivíduo e o grupo no exercício da formação docente. Para tanto, como método da pesquisa, é um elemento de formar e formar-se de maneira rica e constitutiva do ser - humano.

O recurso da escrita de si não se encerra em si mesmo, é uma possibilidade de trazer discussões no sentido da formação educativa dos sujeitos, mas o primordial é a discussão trazida por novas possibilidades, métodos de formação do adulto nessa busca de criar uma



teoria de formação de adultos alertadas por Josso (2004) e Nóvoa (2010, 2013). A Pedagogia e suas ciências da educação buscam discutir como se configura essa nova Pedagogia. O que as diretrizes determinam em relação aos Institutos de Ensino Superior (IES) e como isso afeta o exercício profissional no campo da EJA.

O uso do diário permite ao sujeito a escrita da sua práxis e a posterior leitura da mesma, logo, essa escrita de si leva o sujeito a pensar sobre si, sobre a prática e permite algo ainda maior: ler-se a si mesmo, possibilitando um pensamento leal para atingir o âmbito educativo, pois é possível com essa prática da escrita dos diários olhar o outro com mais respeito na sua atividade para que não caiamos no discurso de inferir sobre a prática alheia sem olhar para si mesmo. Portanto, a utilização desse dispositivo no sentido da formação remete a reflexões pertinentes à atuação do Pedagogo na sua prática, especificamente, neste estudo, atuando na EJA. Logo, somos direcionados ao mundo da pesquisa, buscando respostas em relação a reflexões profundas e fundamentadas política, social, epistemologicamente e das relações humanas.

Visando atingir os propósitos específicos da investigação, o campo de pesquisa escolhido é uma instituição pública de ensino superior no município de Salvador-BA. O percurso metodológico tem contemplado a realização de visitas à unidade/ao campo de pesquisa, seguido de observações e o estabelecimento de diálogos com 11 discentes do curso de Pedagogia e 02 (dois) docentes responsáveis pelo componente curricular: Educação de Jovens e Adultos nos semestres de 2014.1 e 2014.2.

No campo da educação, a perspectiva metodológica e epistemológica que subsidia nossa pesquisa tem em Nóvoa e Finger (2013) a pauta sobre o método biográfico que nos apresenta como modo de superação dos modos de pesquisar baseados somente na racionalidade e na objetividade. Nós que temos como objeto de estudo a subjetividade dos sujeitos em seu contexto formativo, entendemos que essa perspectiva atende a nossa escolha de vida e formação com foco na formação de abordagem qualitativa, sustentada na teorização a partir do que o sujeito viveu na imersão ao campo da pesquisa.

Além disso, foi realizada a entrevista como dispositivo metodológico, visto que, essa escolha nos permitiu uma melhor compreensão da formação quando narrada pelos sujeitos. Quanto ao registro dessa experiência no campo da pesquisa, destacamos a importância das anotações no diário da pesquisadora “os diários” fazem parte de enfoques ou linhas de



pesquisa baseados em” documentos pessoais” ou “narrações autobiográficas” (ZABALZA, 2014, p.14).

Nossa pesquisa está pautada, então, na abordagem qualitativa, pois pensamos que essa metodologia escolhida está resguardada na perspectiva de formação de pessoas, nos apropriamos implicadas nas Histórias de Vida como método investigativo na condução das ações da pesquisa e promoção de dispositivos de formação através das mesmas, entendendo que “é a possibilidade de inventar a própria vida através da escrita” (OLIVEIRA, 2011, p.133).

Assim, a partir da imersão ao campo, orientamos a escrita da dissertação com vistas à compreensão da formação do licenciado em Pedagogia através do componente curricular educação de jovens e adultos, utilizando-se do uso do diário como proposta de destaque na formação não somente em um componente curricular em específico, mas na consolidação do conteúdo formativo de um curso de formação em nível superior, onde o processo de ser/serendo seja sedimentado na subjetividade do sujeito.

Portanto, compreendendo que estudantes ainda em processo de formação inicial já são de fato pedagogos ou pedagogas, essa dimensão de compreensão da vida formativa do sujeito constitui a importância de anotar toda essa trajetória. Zabalza (2014, p.16) nos ensina que: “a principal contribuição dos diários em relação a outros instrumentos de observação é que permitem fazer uma leitura diacrônica sobre os acontecimentos. Com isso, torna-se possível analisar a evolução dos fatos. Assim, escolhemos o uso do diário biográfico como um elemento chave que no decorrer da escrita por se apresentar como possibilidade de formação para atuar no campo da EJA.

Nessa perspectiva, o uso do diário com registros de formação imbricando as narrativas do pesquisador e dos colaboradores da pesquisa nas observações das atividades acadêmicas da formação do Licenciado em Pedagogia e ao mesmo tempo na perspectiva de formar e formar-se, apontou para possíveis respostas às nossas indagações iniciais. Customizando arranjos, ao percurso da vida desses profissionais, com vista ao presente para construção de “um” conhecimento novo de si e do outro com aplicabilidade a sua práxis. De acordo com Macedo (2010, p.114),

Nestes termos, vivifica-se o processo histórico e, no ato educativo, a história de atores pedagógicos vai mostrar-nos a história de um tempo que, em muitos momentos, fez e faz a mediação de opções, decisões e práticas na interseção com a história da sociedade onde se insere (MACEDO, 2010, p. 114).



Assim, o diário aparece como um recurso privilegiado de construção de conhecimento, superando a didática de aula, que ocorre, muitas vezes, na ausência de participação dos discentes. Para tanto, a imersão na escrita de formação através do uso do diário com devida organização epistêmica e metodológica, propiciará aos discentes um comportamento de pesquisador no seu próprio processo formativo, alimentando a importância do entrelaçamento entre teoria e prática educativa.

O componente curricular único no currículo do curso de Pedagogia com discussões direcionadas para a EJA tem carga horária de sessenta horas, com quatro créditos teóricos e não possui crédito para a prática. Ele é disponibilizado no quarto semestre do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do referido departamento. Nesse campo empírico, constituído de três turmas, apresentamos a proposta desta pesquisa, afim de que os colaboradores pudessem e se sentissem seduzidos a participar conosco dessa jornada. Ao final do período de observação, onze discentes concederam uma entrevista para uma consulta prévia e, assim, foi possível realizar uma configuração para uma amostragem para a esta pesquisa.

Nessa consulta prévia, desejávamos compreender inicialmente o que os discentes tinham consolidado como aspectos teóricos e epistemológicos na formação e trajetórias de vida para atuar na Educação de Jovens e Adultos. É preciso salientar que os estudantes da Universidade, em particular, os que estudam no turno noturno, precisam perceber, compreender e fazer uma leitura sobre si de que, assim como eles, os sujeitos da EJA que estudam nas escolas no turno noturno têm uma especificidade no campo formativo.

A entrevista como dispositivo escolhido para nortear a pesquisa no campo, proporcionou a escuta aos discentes e docentes observando, então, a importância da escuta na construção da proposta final desta pesquisa. Partindo disso, podemos obter clareza, aprofundamento e distinção do que eles compreendem inicialmente sobre o que é formação e como é formar-se para atuar no campo da EJA.

A ementa do curso sobre o componente curricular em discussão, em seu conteúdo, descreve: A história da educação de jovens e adultos, soluções e impasses pedagógicos gerados pelas práticas adotadas; as necessidades educativas dos jovens e adultos; o papel da escola e do educador; proposta curricular para a EJA em suas várias dimensões; o gerenciamento do processo de ensino e aprendizagem dos educandos; natureza dos conhecimentos relativos à Língua Portuguesa, Matemática, Arte e Estudos da Sociedade e da



Natureza; tradução dos conteúdos em objetivos de aprendizagem; a análise, concepção e avaliação de ensino na EJA.

Portanto, a pesquisa, além de usar dispositivos de pesquisa de campo, com interação com os sujeitos de pesquisa para observar, compreender os sujeitos em formação no campo da EJA, também buscou descrever e analisar o conteúdo da ementa, se de fato ele é todo contemplado na sala de aula, na formação inicial do licenciado em Pedagogia, alcançando os objetivos da Universidade enquanto unidade formadora responsável pelo currículo dos cursos, entendendo que as ações formadoras ali desenvolvidas “terão que vir implicadas a um ponto de vista, a uma atitude, a uma ação reflexiva a um processo ineliminável de valoração (MACEDO, 2013, p.45)” responsável pela formação de pessoas com responsabilização inerentes a tudo isso.

Para a interpretação da pesquisa, consideramos a escolha metodológica da análise compreensiva-interpretativa (SOUZA, 2014; 2011; 2006; 2004) e através do material produzido a partir do objeto de estudo que vai se formando e dando corpo à pesquisa. Esta escolha é consciente no sentido de que não seja desperdiçado o conteúdo colhido na imersão ao campo, levando em consideração que tudo que foi narrado e/ou escrito pelos sujeitos. Desse modo, temos o ponto de partida das interpretações através do que foi colhido no espaço da pesquisa, a fim de construir possíveis respostas à problemática da pesquisa.

As produções realizadas durante o processo de investigação, nesse momento, se revelam como conteúdo para fomentar significado à busca inquietante do pesquisador e envolvidos no estudo.

RESULTADOS

Os resultados de pesquisa apontaram que o componente curricular com carga horária de 60 horas se apresenta nos discursos dos entrevistados e na utilização do diário de campo como insuficiente para discutir os elementos teóricos-metodológicos políticos fundamentais para a EJA e principalmente para a compreensão do pedagogo nesse universo. O campo da pesquisa revelou nuances de fragilidade nas articulações e discussões internas do departamento no que diz respeito à EJA, pois as práticas docentes não dão conta de trabalhar a ementa do componente em um único semestre diante de diversas variáveis.

Pensar uma política de formação para a Educação de Jovens e Adultos no cenário educativo atual é buscar os modos de fazer a práxis docente de desvelamento e revelações do



que foi por muito tempo escamoteado diante do que de fato a legislação vigente indica de ser realizado na modalidade. Para isso, buscamos discutir a formação do pedagogo com respaldo, no contexto dos sujeitos envolvidos e fundamentado na lei que se apresenta no país para a garantia do direito dos sujeitos, tentando diminuir os danos que a exclusão lhes causou.

No entanto, o respaldo mais atual legalmente instituído para o curso de Pedagogia, além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, que trata dos currículos desse estão sob orientação legal das Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia, Parecer do CNE nº. 776/97 de 03/12/97; Resolução do CNE/CP nº 1/2002; Resolução do CNE/CP nº 2/2002; Resolução do CNE/CP nº 1/2006 e as Resoluções do CNE/CP nº 1/2002, 2/2002 e 1/2006 os quais pouco falam sobre as especificidades da formação docente para essa modalidade de ensino.

A responsabilidade de atuar no campo da EJA requer sensibilidade ao processo histórico de exclusão vivido por esses sujeitos e a negação de direitos, uma constante na nossa educação brasileira. Desse modo, compreender as especificidades dos alunos e alunas da EJA requer uma dedicação implicada, visando superar as amarras de uma sociedade excludente que oprime o sujeito da EJA, pois são homens e mulheres, jovens, adultos e idosos que têm seu direito de retorno à escola garantida em lei. Além disso, é preciso que os educadores tenham uma formação que os leve a se imbricar em processos de enfrentamento politizado no campo da EJA, visando uma política de formação embasada neste direito e na formação humanizadora como nos aponta os pressupostos Freireanos.

É preciso, de fato, pensar uma política de formação humana para os que atuam e desejam atuar na modalidade em questão, pois cabe aos profissionais se perceberem responsáveis por uma causa e fazer disso seu movimento de luta, agindo através da práxis docente com vistas a uma humanização no contexto da escola, fazendo desses, espaços receptivos aos sujeitos da EJA, dando sentido e significado à aprendizagem desses alunos, que estão inseridos num espaço de formar e formar-se. Concomitantemente preconizar o diálogo como centralidade no processo de formação, para tanto, percebemos que nesse jogo do diálogo, temos um rico conteúdo de discussão que se pauta na vida dos sujeitos.

No que tange à formação dos licenciados em Pedagogia plena, é necessário um aprofundamento, uma imersão na teoria das áreas gerais do conteúdo curricular do curso de Pedagogia, com orientações de estudos, pensando na inserção da formação do sujeito no mundo, portanto, trazer discussões sobre Políticas públicas, o currículo como ato formativo



em constante ação e reflexão, a Formação com uma trajetória de vida e com fundamentos na área de estudos indicadas pelo curso e conhecimento das legislações que respaldam o curso para que se possa traçar um mapa conceitual de estudos sobre o objeto da Pedagogia em questão.

A EJA é um campo de estudo, mas a sua compreensão só se dará a partir da categoria de leitura de mundo tão discutida pelos pressupostos Freireanos, pois ser sujeito da EJA é um papel de pertencimento e inserção no mundo, logo as discussões devem permear essa totalidade de sujeito-mundo. A política até o momento instituída no nosso contexto brasileiro, volta-se para as ações compensatórias e aligeiradas para os sujeitos da EJA, com ações voláteis, temporárias e sem sentido para os sujeitos envolvidos. Nessa perspectiva, temos um panorama da EJA com sérios problemas, com poucos avanços e alguns retrocessos no cenário brasileiro.

No processo de formação através do método das Histórias de Vida, o sujeito precisa compreender que a sua profissão não pode se separar do ser sujeito, parafraseando Nóvoa(2013). É nesse dever humano de pensar sobre si mesmo de forma consciente, levando em consideração o passado vivido, mas principalmente pensando no momento presente durante a escrita da sua própria História que eles se projetam em busca de soluções para seus dilemas.

(Re) visitando a si mesmos, experimentam mergulhos nas vivências da sua vida pessoal e profissional, pensando sobre sua própria história para constituição de sua formação enquanto *ser*. Temos intrínsecas em nossas memórias, coisas que podem nos surpreender, mas elas só podem ser tiradas do baú durante o movimento de (re) memorar, narrar e escrever. Somos, assim, objetos da nossa própria pesquisa e isso é emocionante: é o passado que nos indaga o presente que cria uma dialética com o futuro.

Verificamos que o componente curricular com carga horária de 60 horas se apresenta nos discursos dos entrevistados e na utilização do diário de campo como insuficiente para discutir os elementos teóricos-metodológicos, as políticas fundamentais para a EJA e principalmente a compreensão do pedagogo nesse universo. O campo da pesquisa revelou nuances de fragilidade nas articulações e discussões internas do departamento no que diz respeito à EJA, pois as práticas docentes não dão conta de trabalhar a ementa do componente em um único semestre, diante de diversas variáveis.



No departamento de educação da universidade pública em questão, no que diz respeito à EJA, os componentes curriculares são trabalhados de forma isolada, cada um na sua aula, com suas práticas e discussões. Se temos um programa de mestrado nesta universidade, significa que tínhamos uma real necessidade desse programa com vistas à formação de professores, mas o grupo de mestrado trabalha em separado do grupo da graduação, que por sua vez, também não integra o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Dependendo do professor que esteja trabalhando o componente da EJA, pode ou não ocorrer articulações mais fortes e discussões teóricas para a modalidade.

Nesse quadro, fica evidente que necessitamos criar movimentos que repensem a formação dos licenciados em Pedagogia, pois acreditamos no fortalecimento da perspectiva emancipatória do cotidiano educativo. Esta pesquisa evidencia o papel do sujeito na sua formação, mediante a apropriação de seu percurso de vida, visando mobilizar, através da metodologia das Histórias de Vida, saberes críticos, reflexivos, históricos, num movimento emancipador para si e para a sociedade, construindo sua identidade ética, para atuar na construção da História.

Buscamos discutir uma formação com base no contexto dos sujeitos envolvidos e fundamentada na lei que se apresenta no país como uma norma a ser seguida para a garantia do direito dos sujeitos, tentando, de algum modo, diminuir os danos que a exclusão da escola lhes causou. Pensar uma política de formação para a EJA no cenário educativo atual é desvelar os modos de fazer a práxis docente escamoteando o que de fato a legislação vigente indica de ser realizado na modalidade.

Desse modo, como resultado desse primeiro momento, pode-se considerar que, ao cabo da pesquisa, esses atores sociais, assim como a pesquisadora, terão a possibilidade de um espaço para reconstrução das experiências, compreensão da própria prática, da complexidade sócio-cultural na qual estão inseridos e reflexão sobre seus percursos formativos tendo o uso do diário reflexivo como dispositivo de formação.

A trajetória da pesquisa possibilitou compreender que a EJA, na formação inicial do licenciado em Pedagogia, em se tratando do componente curricular, deixa lacunas de discussão conceitual, teórico-metodológica para atuar no campo da EJA, assim, para nós, é necessário um grupo de estudos voltados para pensar a problemática em questão. Pois é necessário considerar os sujeitos alunos da EJA com suas diferenças e suas experiências de vida são cruciais para que o pedagogo seja pleno em sua atuação. Implicar-se com é



fundamental. Sobre o método formativo das Histórias de Vida, entendemos como importante e necessário nesse contexto, pois através da escrita de si temos a possibilidade de imergir da vida do outro de forma responsável.

O diário de campo teve papel fundamental nessa pesquisa, pois ele que de certo modo, serviu de objeto de escrita, reflexão, dilemas, dúvidas, certezas, bússola. O diário como dispositivo de formação tem uma inserção significativa no campo educativo e para a formação inicial dos pedagogos se apresentam como um artefato valorado com potencial formativo, que considera o tempo de si, o tempo do outro e as insurgências que de algum modo aparecem nessas trajetórias, afinal, estamos em atividades com pessoas cheias de diferenças, igualdades, possuídas de Histórias que podem ser validadas na academia como elementos de formação. Acreditamos no potencial do diário como cúmplice do processo formativo, um dispositivo que tem hipertextualidade, teoria, método e significados responsáveis e rigor.

Do posto desta narrativa, após as análises desta pesquisa de mestrado, afirmamos a importância da articulação entre o ensino, a extensão e a pesquisa para fortalecer a formação cidadã dos educadores. Este estudo, portanto, indica possibilidades de repensar a formação inicial e alguns elementos para uma formação contínua para os discentes e docentes.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza D.A. **Etnografia da prática escolar**. 6 ed. Campinas-SP: Papyrus, 1995.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.
- _____, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96. Brasília, DF: 1996.
- _____, **Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunos e alunas da EJA**. Brasília, DF: 2006.
- DANTAS, Tânia Regina. **Formação de Professores em EJA: uma experiência pioneira na Bahia**. In: Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 21, n. 37, p. 147-162, jan./jun. 2012
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In. Nóvoa Antonio; FINGER, Mathias. **O método (auto) biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2013
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 26. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GUERRA. Denise. Moura de Jesus. Diários Reflexivos como atos de currículo e dispositivo de formação. In: **Saberes implicados, saberes que formam: A diferença em perspectiva**. EDUFBA, 2014.



IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 4. Ed. São Paulo, Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.179p.(série pesquisa v.15).

_____. **Compreender/mediar à formação o fundante da educação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

_____. **Atos de Currículo e Autonomia Pedagógica: o socioconstrucionismo curricular em perspectiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NÓVOA, Antônia. **Vida de Professores**. Porto: Porto Editora, 2013.

_____. **O método (auto) biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Narrativa como prática emancipatória: pesquisando e repensando os currículos praticados na Eja. In PAIVA, Jane e Pinheiro, Rosa Aparecida. **Da pesquisa em educação à pesquisa na Eja: ações plurais, sentidos singulares**. Natal, RN: EDUFRRN, 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In SOUZA, Elizeu Clementino e ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SOUZA, José dos Santos. **Educação de Jovens e Adultos: Políticas e Práticas Educativas**. Rio de Janeiro: NAU Editora: EDUR, 2011.

ZABALZA, Miguel. **Os diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2014.